

A argumentação como campo acadêmico emergente no Brasil

Argumentation as an emerging academic field in Brazil

Rodrigo Seixas

Universidade Federal da Bahia – Bahia – Brasil

Argus R. A. de Moraes

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Mato Grosso do Sul – Brasil

Lucas Nascimento

Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia – Brasil



Resumo: No presente texto, temos por intuito avaliar a possibilidade de estar em formação um campo de estudos sobre a argumentação na academia brasileira contemporânea. Para tanto, em um primeiro momento, descrevemos a formação institucional desse campo, no mundo e no Brasil. Em um segundo, analisaremos a interdisciplinaridade nas pesquisas em argumentação no país, ancorando-nos, nesse intuito, nos dados produzidos pelos projetos de cartografia da argumentação nas regiões Nordeste e Sudeste. Por fim, na terceira, sugerimos um gráfico rizomático como proposta meta-analítica de compreensão da argumentação como campo acadêmico brasileiro emergente, demonstrando força institucional tanto na elaboração de políticas públicas de ensino, como pode-se notar pela presença da argumentação como competência específica na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), quanto pelo número crescente de pesquisas e de disciplinas acadêmicas.

Palavras-chave: Argumentação. Cartografia. Campo. Emergência.

Abstract: In this text, we aim to evaluate the possibility of a field of study on argumentation being formed in contemporary Brazilian academia. To this end, firstly, we describe the institutional formation of this field, around the world and in Brazil. In a second, we will analyze interdisciplinarity in argumentation research in the country, anchoring ourselves, for this purpose, in the data produced by argumentation cartography projects in the Northeast and Southeast regions. Finally, in the third, we suggest a rhizomatic graph as a meta-analytic proposal for understanding argumentation as an emerging Brazilian academic field, demonstrating institutional strength both in the elaboration of public teaching policies, as can be seen by the presence of argumentation as a specific competence in the National Common Curricular Base (BNCC, 2018), and by the growing number of research and academic disciplines.

Keywords: Argumentation. Cartography. Field. Emergency.

1 Considerações iniciais

No presente texto, nos questionamos sobre a possibilidade de formação da argumentação como campo de estudos na academia brasileira contemporânea como um desenvolvimento (ou múltiplos) rizomático, com redes de conexão não lineares (em movimento centrípeto) e potencialmente expansivas (movimento centrífugo). Para tanto, em um primeiro momento, descrevemos a formação institucional desse campo, no mundo e no Brasil. Em um segundo, avaliamos os dados interdisciplinares nas cartografias da argumentação das regiões Nordeste e Sudeste¹ do Brasil de 2011 a 2020. Por fim, em um terceiro, propomos um gráfico rizomático meta-analítico da argumentação como campo acadêmico emergente.

2 Movimentos centrífugos, centrípetos e integradores: em que medida podemos falar de um campo da argumentação?

O campo da argumentação, consoante Azevedo e Damasceno-Moraes (2022), apresenta-se como extremamente heterogêneo, não só no Brasil como no mundo. É mesmo possível dizer que estamos diante não de uma “teoria da argumentação”, mas de “teorias da argumentação”, no plural. Com efeito, plurais são as formas de trabalho dentro do campo, os pontos de partida e de chegada, os marcos e pedágios do caminho, as relações e interfaces desenvolvidas com outros saberes. A discussão sobre a construção e estrutura dos campos disciplinares é algo recorrente no estudo científico da linguagem. A esse respeito, Charaudeau (2013, p. 7) afirma:

[u]ma disciplina é constituída por um certo número de princípios fundadores, hipóteses gerais, conceitos que determinam um campo de estudo e permitem, ao mesmo tempo, construir o fenômeno que está sendo analisado. Constitui-se, assim, um

quadro conceitual, e é no interior desse quadro que podem ser construídas várias teorias, como proposição de uma certa sistêmica em torno de algumas categorias.

Aplicando tal perspectiva aos estudos sobre argumentação, chegaremos à conclusão de que tal campo disciplinar passa por uma construção um tanto atípica dentro dos estudos da linguagem, devido à sua longevidade (estamos falando de uma teoria cujos primeiros desenvolvimentos, com a Retórica, datam de mais de dois mil anos) e à sua intensa heterogeneidade, a depender da lente pela qual se observa o fenômeno argumentativo, o que impacta na quantidade de teorias de interface para tornar o objeto mais “cognoscível” e “analisável”. Isso parece ser comum a toda ciência, mas parece ser mais comum ainda quando olhamos para a ciência da argumentação. É possível que isso decorra do fato de que toda ciência particular dispõe de meios próprios de argumentação, dispersando o fenômeno por distintas áreas, enquanto a Retórica – desde sua gênese – volta-se a estudar “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (Aristóteles, I, 2, 1355b, 2012, p. 95).

Não estamos falando, é claro, de um saber que se manteve estável em todo esse tempo, mas de diferentes desenvolvimentos e apagamentos que se desenrolaram nesse ínterim, constituindo uma “história teórica sinuosa”:

Plenamente reconhecida como objeto de pesquisa desde os primórdios da civilização greco-romana, ela atravessa em seguida um longo período de relativa latência, pontuado por algumas convulsões, antes de experimentar um renascimento significativo na era contemporânea. O interesse pela argumentação está correlacionado a diversos fatores, alguns puramente teóricos e outros sociológicos: uma teoria da argumentação é sempre desenvolvida tendo como pano de fundo certas considerações intelectuais e dentro de um contexto social característico (Breton e Gauthier, 2000, p. 3, tradução nossa).

¹ Este artigo é resultado de um trabalho em equipe de mapeamento das dissertações e teses do Rio de Janeiro, sob a coordenação da Profa. Glayci Xavier (UFF). Agradecemos imensamente o empenho e a colaboração do(a)s seguintes pesquisadore(a)s: Argus Moraes (UFMS); Eveline Cardoso (UERJ); Lucas Nascimento (UEFS); Nadja Pattresi (UFF); Rafael Nogueira (IFRJ); Rodrigo Seixas (UFBA); Welton Pereira e Silva (UFF). O trabalho contou, ainda, com a valiosa contribuição do(a)s seguintes pós-graduando(a)s: Fernanda Domingos (UEFS); Sara Cerqueira (UEFS); Tarcísio Guedes (UEFS); Thyale Roberto(UEFS); Hellenson Mariano de Araújo (UECE e DISPO/UFBA).

A propósito, mesmo durante o efervescimento dos estudos argumentativos na contemporaneidade, isso não se deu de forma simples ou apartada da sinuosidade característica do campo na história. Para Plantin (2025, p. 72), isso fica patente quando consideramos que:

as diferentes teorias da argumentação desenvolvidas no fim do século XX baseiam-se em diferentes visões e definições de seus objetos, de seus métodos e de seus objetivos. As problemáticas bimilenares da retórica, da dialética e da lógica foram retomadas e reelaboradas no novo quadro intelectual da lógica contemporânea pós-fregeana e das ciências da linguagem marcadas por desenvolvimentos da Pragmática, das teorias do discurso e da interação [...].

Paralelamente aos movimentos centrípetos que organizam o campo em torno de eixos paradigmáticos relativamente estáveis, há também um movimento centrífugo constitutivo dos estudos da argumentação. Tal movimento se caracteriza pela dispersão teórica, pela multiplicação de objetos, pela abertura a interfaces disciplinares e pela constante redefinição de seus próprios limites epistemológicos. Em vez de convergir para um núcleo estabilizado, o campo se expande, desloca-se e se reconfigura continuamente, incorporando contribuições oriundas de diferentes tradições, como a linguística, a filosofia, a retórica, a análise do discurso, a psicologia cognitiva, a matemática, a sociologia e os estudos da comunicação.

Esse caráter centrífugo se manifesta, por exemplo, na diversidade de definições do que seja “argumentação”, que pode ser concebida ora como estrutura lógica, ora como estrutura linguística, ora como raciocínio inferencial/ilativo (relação entre premissas e conclusão), ora como prática discursiva, ora como processo cognitivo, ora como interação social situada etc. Cada uma dessas perspectivas implica não apenas diferentes objetos de análise, mas também distintos métodos, categorias e finalidades investigativas, o que contribui para a proliferação de abordagens muitas vezes não plenamente comensuráveis entre si. A heterogeneidade do campo não deve ser entendida, no entanto, como fragilidade,

mas como efeito de sua própria vitalidade epistemológica, que resiste à unificação totalizante, e que aceita ser atualizada pelas contingências do tempo.

Haveria, ademais, um movimento centrífugo no desenvolvimento dos estudos sobre argumentação, “camaleônico”, sensível e adaptável a problemas distintos de cada época. A era contemporânea (sécs. XX e XXI) traz ao centro das questões filosóficas e sociológicas o debate sobre o pluralismo de ideias, a coexistência do dissenso, em um mundo crescentemente diverso (inicialmente bipolar e posteriormente multipolar), problemas para os quais a argumentação oferece formas razoáveis de compreensão e/ou resolução (ainda que provisórias). No mundo de hoje, adiciona-se a essas questões as provenientes das dinâmicas digitais, do fenômeno cada vez mais frequente de polêmicas mormente intransponíveis, da reconfiguração do argumentável, do debatível, daquilo que é considerado “verdadeiro”, “provável” ou mesmo “doxal/dóxico”. Os estudos de argumentação, também nesse aspecto, parecem fornecer respostas interessantes ou – ao menos – propostas instigantes de compreensão, fortalecendo-se a partir do século passado e vetorizando a tendência de ampla disseminação do campo em diferentes ambientes acadêmicos no globo.

Desde 1958, os estudos de argumentação passam por uma bifurcação, que posteriormente se amplia para outros tantos caminhos e perspectivas. De um lado, a partir da Retórica, buscou-se repensar seus pressupostos para aplicá-los a um novo mundo pluralista que se apresentava no pós-Segunda Guerra: estabelecia-se uma *Nova Retórica* (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005 [1958], p. 50), voltada a compreender a argumentação “razoável” por meio de uma ótica descritiva, como um conjunto de técnicas discursivas cujo objetivo seria “o de provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento”. A partir dessa perspectiva retórica, surgem, no mundo francófono, outras tantas abordagens, seja para aproveitá-la parcial ou integralmente como pressuposto (como nas

perspectivas discursivas), seja para negá-la em alguma medida (como na perspectiva ducrotiana).

No mesmo ano de 1958, semelhante movimento ocorreu no mundo anglófono, mas partindo de fonte distinta. Trata-se do proposto pelo *The Uses of Argument*, do filósofo inglês Stephen Toulmin (2006 [1958]), inaugurando uma série de preocupações com a argumentação “substancial”, a lógica prática da argumentação, longe dos formalismos da lógica abstrata e pura (formal), mas ainda pautada numa perspectiva mais “formalizante” do raciocínio argumentativo baseada na lógica (e na prática) jurídica. Como tributos dessa vertente, teorias se desenvolveram na Europa (a Pragmadialética, em Amsterdã) e na América anglófona (a Lógica Informal, em Windsor, Canadá), garantindo um efeito potencialmente centrípeta aos estudos de argumentação, ao menos em certa escala. Ambos os movimentos (da Nova Retórica e da Lógica substancial e prática de Toulmin) funcionaram, cada um a seu modo e com sua força, como eixos de sustentação de dois paradigmas diferentes sobre a argumentação e que prenunciaram uma série de outras abordagens dentro do campo, inclusive as variadas vertentes linguísticas e discursivas de hoje.

É exatamente isso que consideramos, aqui, como movimentos centrípetos, na perspectiva de Angenot (1989), a saber, uma força própria aos processos hegemônicos de centralizar o sentido a partir de um eixo regulador. Tal conceito, em que pese se tratar da análise do discurso social, da formação de hegemonias e dissidências nos distintos estratos do campo discursivo em um estado de sociedade, pode ser tomado de empréstimo para voltarmos o olhar, também, à formação de hegemonias e dissidências no campo disciplinar. Se o autor entende a hegemonia como “a resultante sinérgica de um conjunto de mecanismos unificadores e reguladores que asseguram ao mesmo tempo a divisão do trabalho discursivo e a homogeneização das retóricas, das tópicos e das *doxa*” (Angenot, 1989, p. 12, tradução nossa), podemos inferir que, aplicando ao campo disciplinar da argumentação, há uma série de mecanismos unificadores, conceitos-chave,

categorias, métodos e aparatos metodológicos de abordagem que garantem tal homogeneização, evocando a ideia de “sistema” e permitindo compreender a existência dos movimentos dissidentes, os quais contribuem para formar um campo.

Conforme Rescher (1974, p. 695), um sistema “não é apenas uma constelação de elementos interrelacionados, mas um conjunto de elementos reunidos em uma unidade funcional, uma rede proposital de interrelações”. É assim que o nosso pensamento – ainda moderno – funciona, pelo [quase] natural esforço de organizar o sentido a partir de um núcleo coerente de relações. No campo da argumentação tal como constituído na contemporaneidade, costumamos partir de paradigmas e de conceitos centrais (cognição, raciocínio, inferência, persuasão, argumento, dialogismo, controvérsias/polêmicas, sujeito, discurso etc.) – e mormente satelizamos diferentes categorias, teorias e/ou outros conceitos que possam cimentar o sentido a partir de uma regulação centrípeta.

Influenciado por teorias abrangentes e integradoras - como a perspectiva da *análise argumentativa do discurso*, de Amossy (2005), que deixa de ser um olhar apenas para o *processo* persuasivo, próprio da retórica, e passa a ser também para o *funcionamento discursivo* no complexo jogo social (Azevedo e Damasceno-Moraes, 2022) -, há um crescimento de movimentos integradores no cenário brasileiro, em especial no Nordeste e no Sudeste. Exemplo disso, Gonçalves-Segundo (2025), da Universidade de São Paulo (USP), influenciado pela proposta de Wenzel (1990), fornece subsídios para uma análise holística da argumentação prática a partir de aspectos lógicos, dialéticos, retóricos e acrescenta a estes também o aspecto sociosemiótico.

Na Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia, Nascimento (2018) propõe e desenvolve a *análise dialógica da argumentação*, uma teoria e metodologia para investigar a argumentação polêmica. Emediato (2022), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), discute uma proposta integradora a partir de uma perspectiva discursivo-

argumentativa de caráter enunciativo e pragmático, que passa a chamar igualmente de *análise dialógica da argumentação*, buscando evidenciar os tipos de dialogismo em uma interação argumentativa.

Também na UFMG, Helcira Lima e grupo – sobretudo influenciados pela perspectiva discursiva de Ruth Amossy e de Marc Angenot, mas também com diálogos frequentes com outras abordagens retóricas e argumentativas (como a de Plantin, Toulmin, Michel Meyer etc.) – promovem esforços integradores de análise (Lima, 2018, 2020). Seixas (2019), um de seus orientados (hoje na Universidade Federal da Bahia), efetuou, por exemplo, uma análise integradora de diferentes dimensões da argumentação a partir de uma abordagem que passou a chamar de *lógico-discursiva*, com o intuito de compreender, por uma análise da *doxa*, o funcionamento das “culturas e cognições argumentativas”, dos “regimes de racionalidade”, das “lógicas argumentativas” em conflitos e polêmicas.²

Embora tais propostas se apresentem como movimentos integradores, elas não se furtam a uma dinâmica centrípeta de conformação, característica indissociável da emergência do campo de estudos argumentativos no Brasil, de modo geral, e também no Rio de Janeiro, de modo particular. Em outras palavras, mesmo ao acolher a heterogeneidade constitutiva dos estudos da argumentação, os movimentos integradores acabam por reinscrever essa diversidade em uma lógica de sistematização, produzindo efeitos de coerência interna e de regulação analítica. Nessa direção, o próprio “sistema” que se delineia no campo da argumentação parece afastar-se de uma lógica estritamente hierárquica e aproximar-se mais de uma configuração rizomática, por meio de agenciamentos diversos. “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”, afirmam Deleuze e Guattari (2011, p. 24), complementando em

seguida que “[n]ão existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas”.

Em vez de uma organização centrada em um núcleo único e em relações de subordinação estáveis, observamos, na forma rizomática, uma rede de conexões múltiplas, não lineares e potencialmente expansivas, na qual diferentes teorias, conceitos e abordagens se articulam de modo contingente e transversal e, ao mesmo tempo, sistematizados em uma (ou alguma) lógica interna. Em suma, se, por um lado, os movimentos centrípetos tendem a produzir efeitos de hegemonização – no sentido de estabilizar conceitos, métodos e objetos em torno de determinados paradigmas dominantes –, por outro, os movimentos centrífugos operam como forças de heteronomização (Angenot, 1989), abrindo o campo à pluralidade de influências externas, interdisciplinares, deslocamentos e reconfigurações teóricas. E isso ocorre a todo tempo, e frequentemente de forma simultânea, numa tensão rizomaticamente constituída.

No caso dos estudos da argumentação, essa tensão parece ser particularmente evidente. Um sempre *estar lá e de algum modo*, como *modus operandi* de um campo que ainda tem dificuldades em se reconhecer como tal. Ao mesmo tempo em que certos paradigmas – como a Nova Retórica ou as abordagens lógico-dialógicas – operam como pólos de organização e estabilização teórica para diferentes teorias e perspectivas que se hegemonizam (a argumentação na língua, a argumentação discursiva, a lógica informal, a pragmatialética, a argumentação interacional etc.), o campo permanece atravessado por múltiplas influências externas (de diferentes perspectivas linguísticas e discursivas) e por reinterpretações internas que continuamente deslocam seus contornos. A constituição do campo não se dá, assim, nem pela plena hegemonização de um modelo único, nem pela dispersão absoluta de perspectivas, mas por um equilíbrio instável entre forças que

² Embora o presente estudo foque na análise da argumentação, ressalta-se a relevância das interfaces integradoras entre argumentação e ensino, campo com contribuições centrais de Isabel Cristina Michelan Azevedo (Azevedo, 2016; Azevedo *et al.* 2023) e Eduardo Lopes Piris (Piris, 2025). Maiores detalhes sobre essas e outras produções de outros pesquisadores e os dados cartográficos específicos voltados à docência encontram-se no capítulo “O ensino de argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil na década de 2010” (Azevedo *et al.* 2023).

buscam ordenar e forças que promovem a abertura e a diferenciação.

Seria talvez mais produtivo e salutar, e essa é a nossa proposta aqui, após nos debruçarmos sobre os dados cartográficos dos estudos sobre argumentação no Sudeste – e, em especial, nos dados do Rio de Janeiro –, conceber os estudos da argumentação como um campo intrinsecamente interdisciplinar, cuja unidade não reside na homogeneidade de seus pressupostos, mas na recorrência de um objeto problemático comum, constantemente reconfigurado por diferentes olhares teóricos. É precisamente essa condição que permite compreender por que, em determinados contextos, como veremos a seguir, a argumentação se desenvolve de modo privilegiado em interface com outros campos, sem que isso implique sua dissolução, mas antes a reafirmação de sua natureza constitutivamente relacional e interacional, contribuindo para a conformação de culturas epistemológicas sobre argumentação mormente particulares e que atestam – ensejamos constatar – para a interdisciplinaridade não como um problema, mas como o motor pulsante de um campo em (re)emergência e que se solidifica cada vez mais.

3 Cartografia e/da interdisciplinaridade da argumentação no Brasil

No Brasil, a profissionalização dos estudos retóricos tem como marco o ano de 2010, quando foi fundada a Sociedade Brasileira de Retórica (SBR), definida como “entidade civil, de caráter científico-cultural, autônoma, sem fins lucrativos, que congrega instituições, pesquisadores, estudiosos e interessados na área de retórica e em disciplinas a ela relacionadas” (SBR, 2026, s.p.). Em 2017, a composição do Grupo de Trabalho Argumentação na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) avança “[...] rumo à organização de uma rede mais ampliada, organizada e preocupada [...] com a pesquisa em nível de pós-graduação” (ABA, 2026, s.p.). Mas não somente, uma vez que também trabalha “na idealização e

implementação de ações que visem a impulsionar os estudos da argumentação de forma abrangente em todos os níveis da educação brasileira” (ABA, 2026, s.p.).

Fundada em 2023, a Associação Brasileira de Argumentação (ABA) passou a funcionar como uma espécie de política acadêmica argumentativa, como atestam suas missões: i) desempenhar o papel de ator político que uma associação acadêmica pode ocupar na sociedade; e ii) fortalecer os estudos da argumentação como área de conhecimento. Ademais, “[a] ABA surge da necessidade de congregar estudiosos da argumentação das mais variadas áreas do conhecimento, bem como de fortalecer e integrar os estudos argumentativos no Brasil” (ABA, 2026, s.p.).

O uso de conceitos como “rede”, “congregar”, “organizar”, “integrar” e “ator político” pressupõe, de um lado, a centralização das ações contemplando os diversos interesses dos pesquisadores da área e, de outro, a tentativa de dispersão de uma rede de relações sócio-epistêmicas, com vistas ao desenvolvimento de um escopo do conhecimento. Como as instituições e grupos sociais, a pesquisa acadêmica decorre da elaboração de interesses em comum, entendendo, todavia, que as diferenças devem ser respeitadas no intuito de evitar um projeto excludente.

Se a SBR, o GT de Argumentação e a ABA reconhecem a necessidade de sistematizar a “argumentação” como campo de estudos e/ou disciplina acadêmica, reconhecem também a multifocalidade, a difusão da complexa produção, respeitando, assim, a pluralidade e diversidade. De forma análoga à linguagem, portanto, o saber acadêmico emerge e se estabiliza na tensão entre uma força centrífuga, que pressiona para a expansão em relação ao centro, e uma força centrípeta, que atua para a conservação do sistema de relações.

“[E]m sua origem, a argumentação se constituiu materializando a força do simbólico, o poder da palavra. Na atualidade, mais do que nunca a argumentação está presente e tem galgado lugar de destaque nas pesquisas de nossa área”, asseveram

Piris *et al.* (2023, p. 258). Nesse sentido, os trabalhos com a argumentação, em alguma medida, precisam partir do pressuposto transversal de que as relações humanas não são dadas, assim como de que é possível orientar as ações coletivas de acordo com o grau de persuasividade dos argumentos. A palavra, por conseguinte, pode mostrar e esconder, falar e silenciar, agregar e dissuadir, criar e destruir, englobando as instâncias enunciativas Eu, Tu e Ele.

Em análise das pesquisas das pós-graduações da região Nordeste do Brasil no período de 2011 a 2020, Piris *et al.* (2023) observaram a produtividade das interfaces teóricas e metodológicas, o que parece ser uma característica do processo de consolidação dos campos teóricos em realidades acadêmicas ainda incipientes, especificamente no que concerne ao objeto “argumentação”, com seus aproximadamente 40 anos de estudos no Brasil.

Para Piris *et al.* (2023), tais interfaces são produtivas e contribuem para o desenvolvimento dos campos epistemológicos e instrumentais metodológicos mobilizados, sobretudo se consideramos uma academia cada vez mais globalizada e integrada. No entanto, os autores apontam para o fato de que a argumentação ainda não existe formalmente como uma área de pesquisa específica no país. Diferentemente disso, haveria a Letras como macroárea de estudos e suas subáreas de Literatura e Linguística, nas quais se desenvolve a diversidade de estudos da argumentação e suas diversas concepções, interfaces e aplicações.

Deve-se destacar, contudo, que essa “fluidez das pesquisas em Argumentação e a possível articulação entre as diferentes abordagens” aponta para “as nuances da história da argumentação e do interesse de pesquisadores de diferentes áreas sobre o tema”, permitindo compreender sua complexidade e produtividade a partir de uma perspectiva local e contemporânea (Piris *et al.*, 2023, p. 258). Segundo os autores, o projeto cartográfico permite demonstrar ainda quais são as principais teorias movimentadas nas pesquisas em argumentação nas pós-graduações em Letras da região Nordeste do país. Apesar das diferenças entre as teorias da linguagem que ancoram

os trabalhos, percebe-se a maior recorrência de basicamente três teorias da argumentação, quais sejam: Nova Retórica, Argumentação no Discurso e Retórica Aristotélica, em ordem de ocorrência.

A expansão desse projeto também tem permitido avaliar se as características de uma região do país, como é o caso do Nordeste, se aplicam a outras regiões, como é o caso do Sudeste. A força acadêmica e as peculiaridades de interesses das duas regiões, entretanto, não nos permitem universalizar suas características para o restante do país, como são os casos das regiões Sul, Centro-Oeste e Norte. Apesar disso, nos ajudam a compreender se a “argumentação” poderia estar se tornando uma área de pesquisas autônoma no país.

Considerando o mesmo período, Xavier e Silva (2026, no prelo) destacam: quantitativamente, “os dados apontam para a consolidação do tema como objeto de interesse recorrente nas pesquisas de mestrado e doutorado vinculadas à área de Letras e campos afins”; qualitativamente, “[...] observou-se que diferentes teorias da argumentação são mobilizadas para fundamentar as análises empreendidas, muitas vezes em diálogo com outras áreas do conhecimento”.

As conclusões a que chega a pesquisa confirmam que o Rio de Janeiro possui uma “produção robusta e diversificada” no campo da argumentação, predominando áreas como a Retórica Clássica (18%), a Argumentação na Língua/Semântica Argumentativa (12%), a Nova Retórica (11%), a Argumentação no Discurso (5%) e a perspectiva Dialogal/Interacional (4%), sendo que metade dos trabalhos (50%) não chegam a especificar nenhuma teoria (Xavier; Silva, 2026, no prelo), o que parece apontar para um certo uso espontâneo do conceito. No que se refere às interfaces, os investigadores destacam a predominância da Teoria Semiollingüística e da Linguística Textual como fundamentação teórica.

A preponderância da Teoria Semiollingüística, da Linguística Textual e do Funcionalismo indicam uma espécie de identidade regional do Rio de Janeiro, destacam Xavier e Silva (2026). Importante destacar que a proeminência da Teoria Semiollingüística ocorre também em outro estado do Sudeste, em Minas

Gerais, quando passou a ser introduzida no país por Ida Lúcia Machado no início dos anos 1990. Além disso, vale ressaltar, apesar das diferenças de importância entre as teorias da linguagem mobilizadas e as áreas da argumentação em diálogo, o padrão hegemônico de mobilizar interfaces e aplicar teorias se assemelha ao padrão regional do Nordeste, o que possivelmente se repetirá nas distintas regiões do país.

A diversidade, as conexões teóricas e a aplicabilidade, portanto, parecem ser características fundamentais para a compreensão do processo ainda incipiente de estabelecimento da argumentação como campo de estudos no país, mais interdisciplinar do que transdisciplinar. Se o problema da argumentatividade da linguagem e o seu papel na construção das relações humanas parecem cada vez mais dispersos e consolidados em nossas pós-graduações em Letras, os instrumentais teórico-metodológicos ainda se caracterizam por serem, a um só tempo, fundados em academias estrangeiras e inter-relacionados e/ou desenvolvidos nas práticas de pesquisa no Brasil.

Pelo exposto, pode-se afirmar que a argumentação, especialmente em sua relação com o conceito de discurso, é, por ofício, um domínio interdisciplinar. Para que possa se constituir como área específica do saber, torna-se necessário que ela rompa com os limites intrínsecos a cada referencial teórico, sedimentando questões transversais da relação entre subjetividade, linguagem e argumentatividade.

Dessa maneira, na contramão da extrema especialização epistemológica e da definição rígida das fronteiras entre os saberes (obviamente, reconhecemos os avanços trazidos pela departamentalização dos conhecimentos, bem como que não há como produzi-los e institucionalizá-los sem a definição de objetos de análise), parecem se consolidar demandas por aproximações interdisciplinares – ainda que sob a lógica centrípeta que permite o diálogo sempre em volta de determinados eixos – entre distintos escopos teóricos, o que, como demonstrado pelos projetos cartográficos, vem ocorrendo nas últimas duas décadas no Brasil.

4 A argumentação como campo em emergência no Brasil do século XXI

A análise dos resultados produzidos pelas cartografias das regiões Nordeste e Sudeste (focando no recorte fluminense) revela que a emergência do campo da argumentação no Brasil não se processa de forma linear, mas, sim, por meio de uma configuração rizomática. A rede de conexões múltiplas do campo se consolida, então, na tensão entre a estabilização de paradigmas e a dispersão interdisciplinar.

A comparação dos dados revela identidades regionais distintas. No Nordeste, há uma maior estabilização em torno da Nova Retórica, que fundamenta 56,16% das pesquisas como filiação teórica (Piris *et al.* 2023), sugerindo um esforço centrípeta de organização do campo em um eixo paradigmático (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005). Em contrapartida, o Rio de Janeiro possui uma paisagem mais fragmentada: a Retórica Clássica lidera com 18%, seguida pela Argumentação na Língua (12%) e pela Nova Retórica (apenas 11%) (Xavier e Silva, 2026).

Um dado sintomático em ambas as regiões é o alto índice de trabalhos sem filiação teórica explícita a teorias canônicas da argumentação: 46,32% no Nordeste e impressionantes 50% no Rio de Janeiro (chegando a 75% no grupo de ensino). Esse fenômeno aponta para um “uso espontâneo” do conceito, em que a argumentação é tratada como um fato discursivo intrínseco, mas nem sempre teorizado como disciplina ou objeto autônomo. Sistematizamos abaixo:

Tabela 1: Teorias de Argumentação especificamente mais usadas (NE x RJ)

Teoria da Argumentação	Nordeste (%)	Rio de Janeiro - Análise (%)
Nova Retórica	56,16%	11,00%
Argumentação na Língua	23,29%	12,00%
Retórica Clássica (Aristotélica)	8,22%	18,00%
Argumentação no Discurso (Amossy)	10,96%	5,00%
Nenhuma/Não especificada	46,32%	50,00%

Fontes: Xavier e Silva, 2026; Piris *et al.* 2023.

A nosso ver, a produtividade das interfaces expressa os movimentos de força. Se no Nordeste a interface com a Linguística Textual (40,74%) é o motor da inserção da argumentação na área de Letras, visando compreender como os argumentos são

textualizados (referenciação, plano de texto), no Rio de Janeiro, o cenário é dominado pela Semiolinguística (39% no geral, atingindo 50 ocorrências).

Tabela 2: Predomínio de interfaces utilizadas (NE x RJ)

Teoria de Interface (área de apoio)	Nordeste (%)	Rio de Janeiro - Análise (ocorrências)
Semiolinguística	14,81%	50 ocorrências (39%)
Linguística Textual	40,74%	20 ocorrências (16%)
Funcionalismo	-	23 ocorrências (18%)
AD Pragmática/Maigneueau	14,81%	7 ocorrências (5%)

Fontes: Xavier e Silva, 2026; Piris *et al.*, 2023.

A comparação entre as áreas de interface (Tabela 4) revela um predomínio cruzado que merece atenção: enquanto no Nordeste a Linguística Textual (40,74%) é a força motriz absoluta, no Rio de Janeiro ela sustenta uma posição de relevância resiliente, ocupando o segundo lugar com 16% (20 ocorrências). Esse dado é revelador de que, independentemente da orientação regional – seja ela centrada na estabilidade da Nova Retórica (NE) ou na dispersão da Semiolinguística (RJ) –, a Linguística Textual permanece como o instrumental metodológico mais estável para a análise da argumentação no país,

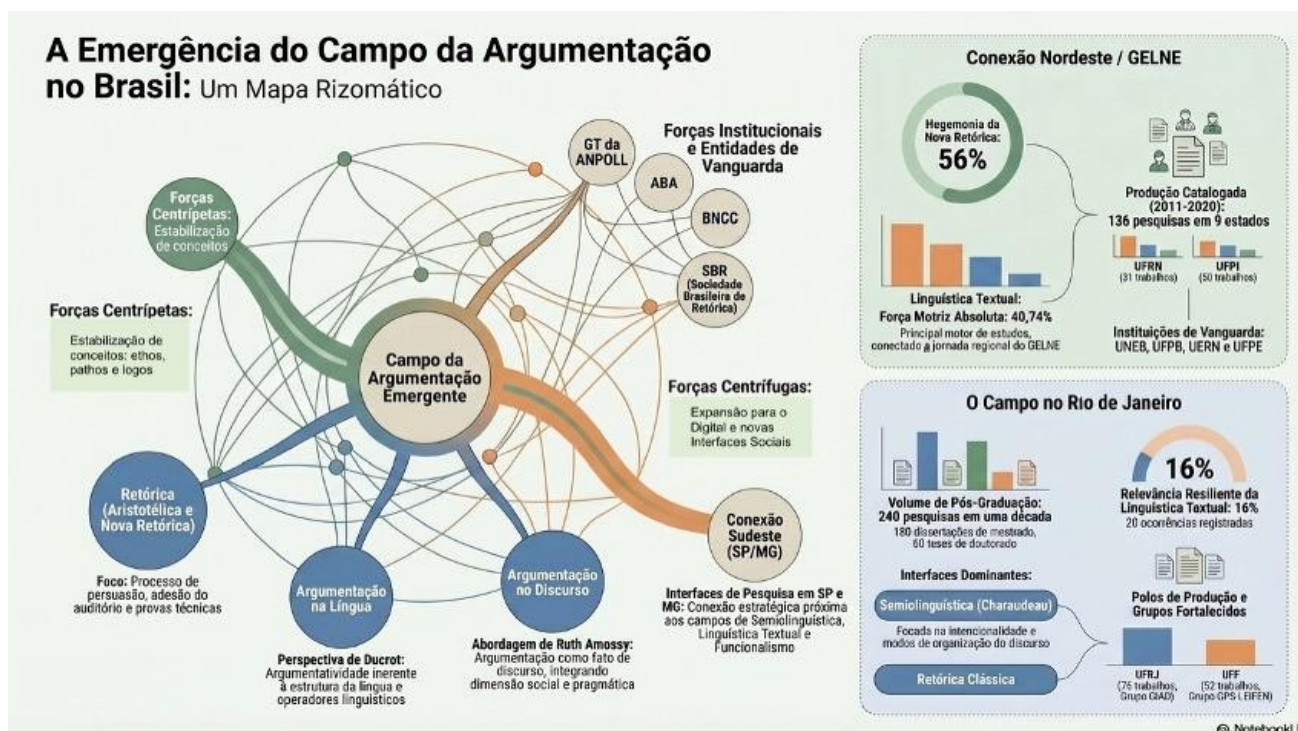
conforme Mapa Rizomático abaixo (Imagem 01). Se no Nordeste a LT fornece o substrato para entender a construção do sentido e a progressão dos argumentos no plano do texto, no Rio de Janeiro ela funciona como um importante contraponto à Semiolinguística, garantindo que a análise das estratégias de influência não perca de vista a materialidade linguística e os mecanismos de coesão e coerência que estruturam o dizer argumentativo.

O predomínio da Semiolinguística no contexto fluminense exemplifica o que temos chamado de *movimento centrífugo*: a teoria de Patrick Charaudeau,

embora não seja uma teoria canônica da argumentação, fornece o arcabouço para a análise das visadas de influência e das estratégias de persuasão. Consolida-se, assim, o fenômeno das “análises discursivas da argumentação”, que integram

a interface como elemento estrutural do método. Tomando por base as análises empreendidas até o momento, organizamos os dados na seguinte configuração rizomática:

Imagem 01: Rizoma da Emergência do Campo da Argumentação no Brasil



Fontes: Elaboração própria (2026) através da ferramenta NotebookLM (Google).

Nessa rede complexa, a argumentação estabelece duas interfaces que regem os dados coletados: o movimento centrípeto, uma expansão que parte da teoria da argumentação para incorporar ferramentas de outras áreas; e o movimento centrífugo, em que outras disciplinas mobilizam a argumentação como uma “caixa de ferramentas” para seus próprios objetos. Logo, o elemento central identificado nessa configuração rizomática é o equilíbrio entre forças centrípetas de estabilização teórica – representadas pela hegemonia da Nova Retórica no Nordeste (Piris *et al.*, 2023) e da Retórica Clássica no Rio de Janeiro (Xavier e Silva, 2026) – e forças centrífugas de expansão institucional e interdisciplinar, mediadas pela SBR, pelo GT da ANPOLL, pela ABA e pela diretrizes BNCC.

Ademais, a imagem evidencia que a argumentação no Brasil tende a se organizar como uma unidade funcional, superando a fragmentação por meio daquilo que Charaudeau (2013) denomina interdisciplinaridade focalizada. Outro aspecto importante oriundo dessa formalização visual dos dados é que, para além dos números, ela nos ajuda a sistematizar a produção acadêmica sobre a argumentação no país considerando tanto aspectos de sociologia acadêmica - focada nas relações sociais e de poder entre as instituições universitárias nacionais no processo de produção e distribuição dos conhecimentos tidos como científicos - como de epistemologia acadêmica, centrada em aspectos mais internos aos saberes e ao desenvolvimento teórico-metodológico de ferramentas analíticas da

argumentação e suas subáreas. Com base nesse rizoma, pode-se compreender, por exemplo:

1. O predomínio da Semiologia no Rio não é apenas uma escolha teórica “aleatória”, mas o resultado de uma densa rede de cooperação acadêmica liderada pelo CIAD-Rio (UFRJ) e pelo GPS-LEIFEN (UFF). A emergência do campo, portanto, é indissociável das políticas de grupos de pesquisa e de suas linhagens de orientação. Assim como ocorre no Nordeste;

2. O fato de 50% das pesquisas no RJ não especificarem uma teoria indica que a argumentação funciona como uma “disciplina hóspede” dentro de quadros maiores (como a AD ou a LT). Isso sugere que a autonomia do campo ainda está em processo, operando muito mais pela interdisciplinaridade focalizada do que por uma transdisciplinaridade plena;

3. No Rio de Janeiro, a Argumentação na Língua representa 12% das análises. Ela foca em unidades microlinguísticas (operadores argumentativos), o que tende a restringir a análise a elementos internos do sistema linguístico, deixando pouco espaço para a dimensão do *pathos*;

4. Em contraste com o Rio de Janeiro, no Nordeste, a Linguística Textual é a interface dominante, representando 40,74% das articulações teóricas. O interesse dessas pesquisas recai sobre a textualização de argumentos, focando em categorias como referenciação, recategorização e planos de texto, mais ligadas à estrutura do que ao apelo emocional;

Um aspecto importante oriundo dessa sistematização ou formalização visual dos dados é que, para além dos números, ela nos ajuda a problematizar o que muitas vezes “não estamos enxergando” em sua superfície. Ou seja, ela nos permite questionar, dialeticamente, também sobre as suas ausências, aquilo que foi necessário que faltasse para que o visível pudesse aparecer, apontando para as escolhas sempre necessárias à elaboração dos recortes. Imagens, assim como palavras, mostram e escondem, embora a sua presença como proposta meta-analítica possa nos ajudar a enxergar

movimentos e a ancorar nossas explicações em materialidades relativamente estáveis.

Destarte, alguns movimentos ainda precisam ser mais bem descritos em nossas elaborações futuras, notadamente no que se refere ao aprofundamento e refinamento que vai da superfície da dinâmica institucional e epistemológica rumo às escolhas e padrões dos instrumentais teórico-metodológicos. Por exemplo, há uma lacuna profunda no estudo do *pathos* evidenciada pelos dados das cartografias do Nordeste (Piris *et al.*, 2023) e do Rio de Janeiro (Xavier; Silva, 2026), de modo que o *logos* e o *ethos* dominam as categorias analíticas. O campo brasileiro, portanto, ainda parece priorizar a racionalidade e a imagem do orador em detrimento da dimensão passional do discurso. Essa lacuna pode ser atribuída à predominância de certas filiações teóricas, à natureza das interfaces linguísticas adotadas e a uma ausência persistente nos estudos da subjetividade. Isso sugere que a tradição perelmaniana, ao priorizar a adesão racional e as estruturas de raciocínio, acaba privilegiando a dimensão lógica em detrimento da passional.

Ainda seguindo esse raciocínio, no Nordeste, onde a Nova Retórica fundamenta 56,16% das pesquisas com filiação teórica (Piris *et al.*, 2023), observa-se um foco desproporcional nas técnicas argumentativas. Estas são frequentemente descritas como o próprio *logos* da Retórica antiga reintroduzido na contemporaneidade, conforme a tipologia de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Das 136 pesquisas analisadas na região: 16 focam no *logos* e 15 no *ethos* (Piris *et al.*, 2023). Apenas 7 pesquisas se dedicam ao *pathos*, apoiando-se em autores como Aristóteles (1998), Charaudeau (2010) ou Plantin (2008) (ver Piris *et al.*, 2023). As próprias áreas de apoio ou interfaces teóricas parecem orientar o olhar do pesquisador para longe das emoções.

Como afirmado anteriormente, a vitalidade do campo depende do exame da argumentação em esferas sociais de poder, aspecto que parece predominar nos domínios jurídico e digital. A análise argumentativa do jurídico e do digital tem pressionado para a autonomia para além da argumentação como

disciplina hóspede. No sentido inverso, almejando agregar e incorporar, a ABA criou o Observatório da Argumentação Jurídica, compreendendo, por exemplo, o predomínio do campo jurídico na região Nordeste, representando 22% das pesquisas. Algo semelhante ainda precisa ocorrer no campo da argumentação digital, com 11,76% dos trabalhos nessa mesma região, embora ainda desprovida de representatividade na Associação. Aos olhos de hoje, esse percurso parece ser inevitável, dado o crescimento do digital na vida contemporânea, sua relação crescente com as práticas sociais de poder e a reconfiguração do argumentável pela consolidação e expansão das redes digitais.

A produção de novos dados descritivos sobre a pesquisa em argumentação no país poderá nos ajudar a produzir “rizomas” mais complexos, contemplando os aspectos ausentes da nossa reflexão no presente texto. O eterno devir das estruturas sociais e simbólicas não impede que organizemos as nossas práticas científicas, produzindo não apenas reflexões e materialidades teóricas, mas também intervenções sobre esse real avaliado. Se a história da ciência nos mostra que ela não progride cumulativamente, sobre uma base fixa, ela também nos ensina que a produção de resultados e meta-análises é importante para criar parâmetros avaliativos, os quais, por convergência ou contraste, afirmação ou negação, ajudam no desenvolvimento de um campo científico. No fim, o importante é o debate.

5 Considerações finais

O presente texto teve por objetivo problematizar a emergência da argumentação como campo acadêmico no país, bem como o papel de agência dos grupos e associações formados com essa finalidade. Embora os dados ainda sejam limitados, visto que faltam três regiões a serem contempladas e as décadas anteriores a 2010, partimos do pressuposto de que já é possível avaliar essa dinâmica e suas tensões. Tendo isso em mente, na primeira seção, discutimos os sentidos de “campo” e “emergência” com base no modelo rizomático. Na

segunda, discutimos os movimentos interdisciplinares no campo brasileiro da argumentação nas últimas décadas. Por fim, na terceira, sugerimos uma meta-análise da emergência da argumentação como área do conhecimento no Brasil atual.

Referências

- ABA. Sobre a ABA. **Associação Brasileira de Argumentação**, 2026. Disponível em: <https://www.ababrasil.net/sobre-aba>. Acesso em: 05 abr. 2026.
- AMOSSY, Ruth. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2005.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. 2. ed. rev. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. (Obras Completas de Aristóteles, v. IV, t. 2. Biblioteca de Autores Clássicos).
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRETON, Philippe; GAUTHIER, Gilles. **Histoire des théories de l'argumentation**. Paris: La Découverte, 2000.
- ANGENOT, Marc. Hégémonie, dissidence et contre-discours: réflexions sur les périphéries du discours social en 1889. **Études littéraires**, n. 22, v.2, p.11–24, 1989. <https://doi.org/10.7202/500895ar>.
- AZEVEDO, Isabel. C. M. Capacidades argumentativas de professores e estudantes da educação básica em discussão. In: Piris, E. L.; Olímpio-Ferreira, M. (org.). **Discurso e Argumentação em múltiplos enfoques**. Coimbra: Grácio Editor, 2016. p. 167-190.
- AZEVEDO, I; DAMASCENO-MORAIS, R. Desafios e procedimentos da análise retórica e argumentativa. In: AZEVEDO, I; DAMASCENO-MORAIS, R. (orgs.). **Introdução à análise da argumentação**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2022.
- AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do; NASCIMENTO, Lucas; RODRIGUES, Maria das Graças Soares. O ensino de

argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na Região Nordeste do Brasil na década de 2010. In: FREITAG, Raquel Meister Ko; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de (orgs.). **Cartografia da pesquisa em linguagem no nordeste**: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces. Campinas: Pontes Editores, 2023.

- CHARAUDEAU, Patrick. Por uma interdisciplinartidade “focalizada” nas Ciências Humanas e Sociais. In: MACHADO, Ida L.; COURA-SOBRINHO, Jerônimo.; MENDES, Emília (orgs.). **A transdisciplinartidade e a interdisciplinartidade em estudos da linguagem**, Belo Horizonte, NETII FALE/UFMG, 2013, p. 17-51.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- EMEDIATO, Wander. **Análise do discurso numa perspectiva enunciativa e pragmática**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2022.
- GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo R. **Argumentação prática**. Teoria, método e análise. Campinas/SP: Pontes Editores, 2025.
- LIMA, Helcira. Vozes em confronto: a polêmica em torno da Lei do feminicídio. **Rétor**, v. 8, p. 84-105, 2018.
- LIMA, Helcira. Discursos negacionistas disseminados em rede. **Revista da Abralín**, v. 19, p. 389-408, 2020.
- NASCIMENTO, Lucas. S. **Análise dialógica da argumentação**: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político. 2018. 557f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PIRIS, Eduardo Lopes; BRITO, Mariza Angélica Paiva; MASSMANN, Débora Raquel Hettwer; MORAIS, Argus Romero Abreu de. In: FREITAG, Raquel Meister Ko; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de (orgs.). **Cartografia da pesquisa em linguagem no nordeste**: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces. Estudos da argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil nos anos 2010. Campinas: Pontes Editores, 2023.
- PIRIS, Eduardo Lopes. Ensino de argumentação para emancipação e decolonialidade. **Diálogo das Letras**, [S. l.], v. 13, p. 1-19, 2025. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/6875>. Acesso em: 11 abr. 2026.
- PLANTIN, Christian. Argumentação (I): um *corpus* de definições. In: _____. **Dicionário de Argumentação**. Tradução organizada por Rubens Damasceno-Morais e Eduardo L. Piris. São Paulo: Contexto, 2025, p. 72-76.
- RESCHER, Nicholas. Foundationalism, Coherentism, and the Idea of Cognitive Systematization. **The Journal of Philosophy**, v. 71, n. 19, Seventy-First Annual Meeting of the American Philosophical Association Eastern Division, pp. 695-708, 1974.
- SBR. Apresentação. **Sociedade Brasileira de Retórica**, 2026. Disponível em: <https://www.lettras.ufmg.br/sbretorica/>. Acesso em: 05 abr. 2026.
- SEIXAS, Rodrigo. **Entre a retórica do impeachment e a do golpe**: análise do conflito de lógicas argumentativas na doxa política brasileira. 2019. 433f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- TOULMIN, Stephen E. **Os usos do argumento**. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- WENZEL, Joseph. Three Perspectives on Argument. In: TRAPP, Robert; SCHUETZ, Janice (org.). **Perspectives on Argumentation**: Essays in Honour of Wayne Brockriede. Prospect Heights: Waveland Press, 1990. p. 9–16.
- XAVIER, Glayci; SILVA, Welton Pereira e. Panorama de teses e dissertações em argumentação e suas interfaces em universidades do estado do Rio de Janeiro entre 2011 e 2020. **Dossiê estudos da argumentação em interface com os estudos do discurso**, v. 51, n. 01, 2026. No prelo. Acesso ao manuscrito.